

Fotos Hélio de Mello/Folha Imagem



Queimada após desmatamento de área para o plantio de batatas em Maria da Fé, no Sul de Minas Gerais; serra da Mantiqueira abrange 25 municípios e, além de MG, atravessa São Paulo e Rio de Janeiro

**MEIO AMBIENTE** *Desmatamento acelera erosão e causa enchente na região*

# Mau uso do solo ameaça a serra da Mantiqueira

FÁBIO EDUARDO MURAKAWA  
DA REPORTAGEM LOCAL

A ocupação desordenada do solo está contribuindo para transformar a serra da Mantiqueira em um foco de enchentes e pode tornar as práticas agrícolas economicamente inviáveis na região, alertam ambientalistas.

A serra da Mantiqueira abrange 25 municípios e se estende pelo Vale do Paraíba, em São Paulo, e pelo sul dos Estados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro.

“Não há nenhum plano de zoneamento para a atividade agrícola na região”, diz o ambientalista Sérgio Mário Regina, presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Verde, órgão ligado ao governo de Minas Gerais.

Segundo ele, quem perde com a falta de critérios para o uso do solo são os agricultores, os moradores locais e o meio ambiente.

Plantações de batata no topo da montanha, gado pastando em regiões de morro e a ação clandestina de madeireiras, cenários comuns na região, são apenas alguns dos exemplos apontados por Regina para ilustrar a má utilização das terras na Mantiqueira.

“Nessas áreas altas e desmatadas, a água das chuvas escoar para os rios, levando consigo, além da lama, resíduos de agrotóxicos aplicados nas plantações”, afirma Mário Mantovani, diretor da

Fundação SOS Mata Atlântica. São as matas de topo, segundo ele, que retêm as águas da chuva, evitando a erosão do solo e a queda de encostas.

Um efeito nefasto dessa ocupação irracional das áreas da serra pôde ser sentido no início deste ano, com as enchentes que se abateram sobre a região.

Houve congestionamentos gigantes nas estradas, produtores perderam suas plantações e cidades inteiras ficaram alagadas.

Segundo os ambientalistas, essas catástrofes tendem a se tornar cada vez mais frequentes, caso não haja um plano de zoneamento na Mantiqueira.

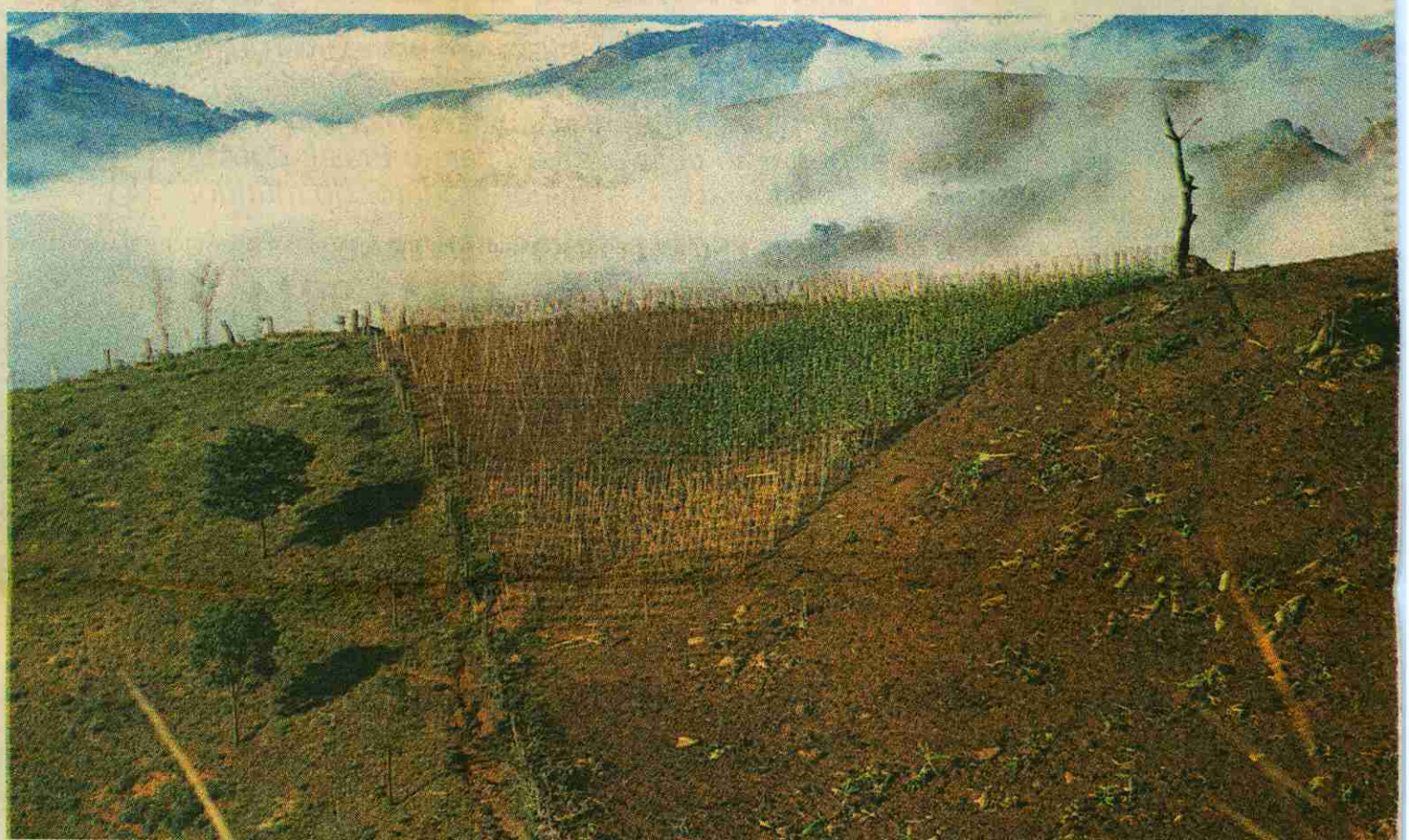
## Soluções

Para Regina, a solução para esses problemas é simples e não significa que a região tenha de voltar a ser uma imensa floresta. “Pode ter exploração econômica, desde que sustentável.”

Deve haver, porém, um reflorestamento irrestrito das áreas de topo. Logo abaixo, viriam as culturas perenes, como banana, maçã e outras frutíferas.

As pastagens e as culturas anuais, como o milho, deveriam ter espaço somente em um nível mais baixo, longe das encostas.

Regina diz que existem planos de zoneamento para a serra, que não são executados por falta de recursos.



Pastagens dividem espaço com as lavouras de tomate e de batata no município de Maria da Fé; a terra e agrotóxicos escorrem para os rios



Lavoura de batata no topo de montanha, cena comum na serra

## ONDE FICA A SERRA



Rio Lourenço Velho, na região de Itajubá, no Sul de Minas Gerais

## ONGs desenvolvem projeto para a região

DA REPORTAGEM LOCAL

Um grupo de ONGs está desenvolvendo um programa para o planejamento do uso do solo e o desenvolvimento do ecoturismo na serra da Mantiqueira.

“Queremos formular, junto com a comunidade, um modelo de ocupação que garanta a sustentação econômica da região”, diz Luis Felipe Cesar, coordenador de projetos ambientais da ONG fluminense Crescente Fértil.

Além da Crescente Fértil, estão no programa as ONGs brasileiras Instituto de Desenvolvimento Social e Ambiental (Ideias), Fundação Matutu, Instituto Brasileiro

de Educação Ambiental e a alemã Partner Shaft.

O projeto teve seu embrião há dois anos, com o curso “Muda o Mundo, Raimundo”, que formou 48 lideranças na região de Itatiaia, no interior do Rio de Janeiro.

A proposta, agora, é a recuperação ambiental da Mantiqueira por meio da capacitação de líderes comunitários e de educadores.

Segundo Cesar, essas pessoas irão trabalhar em conjunto com as ONGs na procura de soluções para o desenvolvimento sustentável das comunidades.

“Em um primeiro estágio, estaremos trabalhando com as comunidades no Rio de Janeiro e em

Minas Gerais. São Paulo entrará na segunda etapa.”

As ONGs, diz o ambientalista, ainda estão captando recursos para o projeto. A previsão é a de que o plano absorva investimentos da ordem de US\$ 1 milhão nos próximos dois anos.

“No final deste período, queremos ter capacitado 300 lideranças locais e formulado um plano para o ecoturismo na região”, diz.

Pretendem ainda, segundo ele, sugerir uma legislação para o uso das terras locais.

“Mas é importante que isso ocorra de maneira participativa, em conjunto com a comunidade”, afirma Cesar.